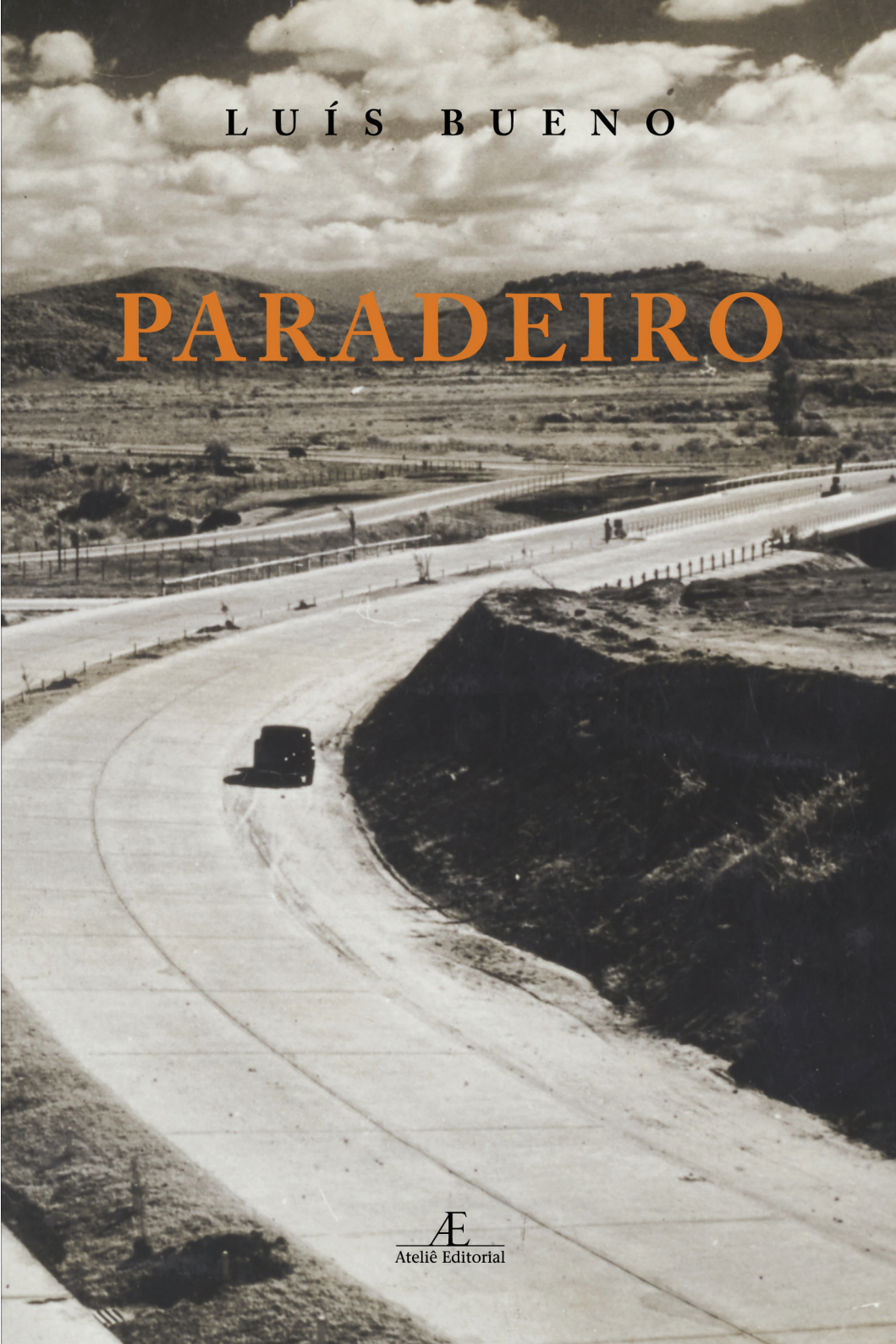

LUÍS BUENO

PARADEIRO

Æ
Ateliê Editorial

I

Esse cheiro vem de mim. As roupas já não conseguem segurar. E ele toma todo o quarto. Se alastra pelo corredor, enche a sala, os banheiros, assalta a cozinha. Ameaça passar por debaixo da porta e impregnar elevador e escadas. E no entanto parece que ninguém sente. Ele não sente. Será que imaginam que esse cheiro não vem de mim? Será que vivo entre cegos e surdos, gente insensível ao cheiro? Não sabem nem o gosto das coisas, não reconhecem mais nem mesmo sua aparência?

A morte é exatamente isso. Feder fortemente e ninguém sentir. Sob a terra, a sete palmos, apodrecer sem testemunha. Mas, meu Deus, estou ainda sobre a terra, num terceiro andar, ameaçando não caber mais em lugar nenhum, descomunalmente inchada por esse cheiro, que anuncia minha presença até onde já não estou mais. Como é possível que ninguém sinta?

Morrer, então. Ganhar o direito de decompor sozinha numa campa escura, em silêncio. Já ninguém me ouve, mesmo, apesar desse cheiro que vem de mim e que grita mais alto do que eu jamais fui capaz de gritar. Quando menina, nem precisava gritar. Terremoto era o meu apelido – e terremoto todos sentem. Fazia artes e com isso era ouvida. Lembrar não lembro, mas sei que morava num sobrado alto, na Moóca, numa avenida movimentada. Subi à janela do segundo andar, fiquei ali me equilibrando. Botei a rua toda em alarme, parei o trânsito. Alguém parece que gritou

– esse sim foi ouvido – avisando minha mãe. Ela subiu correndo as escadas e, no exato instante em que eu me desequilibrava, me agarrou pelas pernas. Como se vê, não morri. Fiquei viva. Devo ter apanhado, mas isso não importa porque as surras velhas não doem, se é que já doeram de verdade algum dia.

Naquele tempo parece que as pessoas escutavam alguma coisa. Eu era a Terremoto e todos sentiam minha presença. Só eu mesma é que não sentia, a ponto de nem sequer lembrar de nada. No final, é bobagem minha. Ninguém escuta nada. Meu pai, roubado, falido, tendo que mendigar um emprego ao meu tio. Saindo de manhã, bem cedo, no frio. Descalço. Quem o escutava naquele tempo? Ninguém também. Ele foi obrigado a dar um jeito em tudo o que tinha, sair de São Paulo e vir ser motorista de táxi em São José. Motorista de tuberculoso. Motorista de ninguém porque isso aqui era vazio, vazio. Ninguém escutava.

Minha mãe me segurou, talvez tenha me batido e eu fiquei neste mundo. Pra quê? Pra esperar o tempo de apodrecer viva, no meio de surdos? Nesse intervalo fiz pouco. Ou melhor, fiz o que tinha que ser feito. Obrigações.

2

São José dos Campos, 12/01/938

Caro Lúcio

Já estou aqui. A viagem, como você pode imaginar, foi horrível. O trem parecia mais lerdo do que de costume. Quase não saí da cabine, estreita, apertada, sem ar. Só fui uma vez ao vagão-restaurante comer e já voltei. Vinham comigo dois livros, que eu nem abri. O nervosismo, o desconforto me tiravam toda a atenção. Depois, não sei se os livros são bons. São novíssimos, comprei um dia antes de sair e não conheço bem os autores. Um é o *Ponta de Rua*, do Fran Martins, e o outro é o *Navios Iluminados*, do Ranulpho Prata. Do Ranulpho Prata eu conheço um livro sobre o Lampião, e o Fran Martins eu sei que tem um livro de contos, que eu não conheço. Você conhece? Não deixe de me dizer o que sabe.

Mas, como eu dizia, viajei mal. Não conseguia ler nem dormir direito. Tossi muito. Acho que foi a noite em que eu mais tossi na vida. Quase me arrependi do acordo que fiz com a minha família, de dar uma passada no Rio antes de me internar aqui. Mas acho que, no fim, valeu a pena. Passei no "Boletim" e o Gastão Cruls me prometeu mandar as revistas, assim que saírem, como um presente e um voto de pronto restabelecimento, como me disse o dr. Cruls, tão escritor que a gente até esquece que é médico. Também me disse

para continuar mandando os artigos que eles continuam pagando mais ou menos o mesmo. No "Jornal" fiz o mesmo acordo: vou tentar continuar escrevendo e ganhando algum troco para o cigarro. Da "Acadêmica" nem falo porque é minha casa e combinei com o Murilo que vou continuar mandando os artigos e ele publica os que achar que prestam. Depois, falei com todo mundo da rodinha da livraria, e encontrei até o Schmidt. Como ninguém nega nada a um moribundo, todos garantiram me mandar livros, recortes e o que mais acharem importante para me manter ainda um pouco dentro da roda.

Passada essa semana tão boa aí no Rio, cumpri minha palavra, dada ao meu pai, à minha mãe, às minhas irmãs e a quem mais de direito, e peguei direitinho o trem. A briga para conseguir essa última semana de liberdade foi grande. Só ganhei porque ameacei não vir para cá se não pudesse, antes, passar pelo menos uns dias no Rio. Acertado isso, minha irmã, a Heloísa, que você não conhece, veio aqui para São José dos Campos ajeitar as coisas, de tal forma que, quando eu cheguei, já tinha hospedagem e tudo o mais garantido.

A única coisa que funcionou um pouco mal foi que a Heloísa confundiu o horário de chegada do trem e me deixou esperando umas duas horas na estação. Esperar é muito chato, mas no meu caso foi bom para ter certeza da minha situação.

Eram umas onze horas da manhã quando eu saí da cabine, porque já estava chegando a São José dos Campos. O pessoal dizia que era uma cidade perigosa, que o melhor a fazer quando estivéssemos lá era fechar todas as janelas: o perigo de contágio é muito grande. E foi o que todo mundo fez. Ninguém desceu na estação além dos dois ou três desafortunados que ficariam por aqui. Muitos foram para suas cabines quando se anunciou a chegada à cidade.

Até esse ponto, as coisas não me impressionaram muito. Como minha irmã não chegava, me acomodei num banco de madeira que

há por lá, para esperá-la. Mais ou menos uma hora e meia depois, chegou um outro trem. Ficou bem de frente para mim a segunda classe. Embora fosse uma hora da tarde e o sol batesse diretamente sobre ele, todas as janelas estavam fechadas, e as pessoas olhavam para fora com um ar medroso. Alguns me olhavam, aquele louco parado ali, pronto a pegar a doença. Em outros, senti um olhar de compaixão, como de quem pensa que um sujeito parado ali só pode já estar doente. Uma garotinha, de uns seis ou sete anos, me apontou e falou alguma coisa para a mãe, que abaixou a mão dela, certamente dizendo que apontar era muito feio, e continuou falando. Agora quem me olhava, com piedade, era a mãe. Ninguém desceu daquele trem, que só ficou alguns minutos ali, mas a impressão que eu tive foi a de que eles tinham ficado lá, me olhando, mais de meia hora.

Eu me senti num leprosário – e talvez eu esteja mesmo numa espécie de leprosário – e tive certeza de que vou mesmo morrer. Racionalmente, é imbecil supor que eu vá ser uma exceção. Pelo menos eu morro em boa companhia: quanta gente boa essa merda dessa doença já não levou, e mais novos do que eu?

Pouco depois minha irmã chegou num carro de praça e me levou para a casa onde eu vou ficar hospedado. Para chegar lá, sobe-se uma ladeira grande, por uma rua que sai bem de frente da estação. Não prestei muita atenção à cidade: estava muito cansado e depois vou ter tempo de olhar em volta.

Meu cansaço era tão grande que eu tomei um banho, comi e me deitei lá pelas quatro e meia da tarde e só fui despertar hoje, pelas oito da manhã. Acordei ainda com uma lezeira desgraçada no corpo e só tive ânimo para escrever agora, já quase de noitinha.

Por incrível que pareça, esta carta já me cansou. Começo a desconfiar que meu caso não é tão fácil como o médico de São Paulo me garantiu. Só vou ter um pouco mais de ideia amanhã, quando for ver o médico mais famoso daqui, o dr. Nélson d'Ávila, que o de

São Paulo garantiu que faz milagres. Como eu não creio em milagres, quero ver o homem para poder avaliar melhor minha situação verdadeira.

Vou acabando aqui. Amanhã despacho a carta e, logo que for possível, mando novas notícias.

Pedro